

MICHÊS E PANELEIROS: DAS IDENTIDADES MARGINAIS EM VIDA BREVE EM TRÊS FOTOGRAFIAS, DE BERNARDO SANTARENO

Solange S. Santana (1)

Instituto Federal da Bahia / Universidade Federal da Bahia, professorasolange@hotmail.com.

Resumo

A dramaturgia do escritor português Bernardo Santareno (1920-1980) se inscreve em pressupostos literários pós-modernos, porque lida, sob diferentes perspectivas, com as questões de identidades e diferenças. No âmbito desse trabalho, em que utilizamos como *corpus* o texto dramático santareniano *Vida breve em três fotografias* (1979), debruçamos sobre os sujeitos representativos da prostituição viril e da homossexualidade, com o intuito de analisar as formas como são construídos na/pela linguagem dramática e em quais posições de sujeitos eles investem visando a alcançarem (ou não) inteligibilidade cultural e social. Uma vez que os homossexuais e os michês eram criminalizados no espaço simbólico lusitano, interessa, pois, não só discutir as questões de identidade, de gênero e de sexualidade inerentes aos sujeitos que compõem o mundo da prostituição masculina, mas também atentar aos processos e às relações de poder que os empurraram para as margens da sociedade. Para tanto, este trabalho encontra subsídios nos campos teóricos dos Estudos literários, dos Estudos Culturais, dos Estudos de gênero e sexualidades, atentando-se, é claro, às especificidades de tempo, espaço e às relações de poder que estruturam as questões de gênero, circunscrevem e possibilitam as constituições identitárias ligadas à homossexualidade e à prostituição viril.

Palavras-chave: Bernardo Santareno, Vida breve em três fotografias, prostituição, homossexualidade, identidade.

Introdução

Considerado um dos autores de maior importância para a renovação da dramaturgia em Portugal, Bernardo Santareno (1920-1980)¹ cria um teatro de resistência e de defesa ao respeito à diversidade, que se inscreve na denúncia e no compromisso com o povo português, antes e depois da ditadura salazarista. Por outro lado, não se pode negar que as temáticas que permeiam sua produção literária, a exemplo das questões de gêneros e de sexualidades, mostram que sua dramaturgia ultrapassa os limites geográfico e histórico, porque aborda questões de identidades e diferenças inerentes aos sujeitos ocidentais, sob diferentes perspectivas.

¹ Pseudônimo adotado por António Martinho do Rosário, quando lança o livro de poesias *A morte na raiz*, em 1954. Além de poeta, também atuou como crítico literário, ensaísta, médico psiquiatra, professor e dramaturgo. Até o ano de sua morte escreveu dezenove textos dramáticos e três quadros para o teatro de revista. Não obstante Lílian Lopondo (2000) considerar difícil a ordenação de sua obra em categorias, devido às resistências que impõe a qualquer tipo de esquematização, Luiz Francisco Rebello (1987) divide-a didaticamente no que convém chamar de 1º ciclo, em que predomina o esquema dramático tradicional aristotélico, de feição realista-naturalista; e 2º ciclo, com peças escritas a partir de 1966, nas quais é possível observar a evolução daquela fórmula dramática para a narrativa, na linha do teatro épico brechtiano. Eis os textos santarenianos: *A Promessa*, *O Bailarino*, *A Excomungada* (1957), *O Lugre* e *O Crime da Aldeia Velha* (1959), *Antônio Marinheiro*, *Os Anjos e o Sangue*, *O Duelo*, *O Pecado de João* *Agonia* (1961), *Anúnciação* (1962), *O Judeu* (1966), *O Inferno* (1967), *A Traição do Padre Martinho* (1969), *Português, Escritor, 45 anos de Idade* (1974), *Os Marginais e a Revolução* (1979), volume composto pelos “dramáticulos” *Restos*, *A Confissão*, *Monsanto* e *Vida Breve em três fotografias*, e *O Punho* (1980). Quanto aos três quadros para o teatro de revista, são os seguintes: *Os vendedores de esperança*, *A guerra santa* e *O milagre das lágrimas* (1974).

No que se refere à prostituição, um dos marcadores identitários que perpassam o texto dramático *Vida breve em três fotografias* (1987)², faz-se necessário levar em consideração, antes de tudo, que os sentidos dessa prática social vêm se modificando a depender do contexto sócio-histórico, da cultura e da moral vigente. Especificamente sobre a prostituição masculina, parece que foi tida, inicialmente, como “um dos ‘meios de vida’ dos *pórnoi* na Grécia Antiga, isto é, homens prostituídos, que atendiam homens e mulheres e estavam sujeitos ao pagamento de taxas nos bordéis de Atenas” (CECCARELLI, 2008, p. 11). Nestor Perlongher, em *O negócio do michê*, por sua vez, cunha a expressão “prostituição viril”

[...] para diferenciar esta variante de prestação de serviços sexuais em troca de uma retribuição econômica, de outras formas vizinhas de prostituição homossexual, tanto da exercida pela travesti [...], quanto de outros dois gêneros francamente minoritários: o homossexual efeminado que vende seu corpo (chamado *michê-bicha*); e um tipo de transição, que parece estar emergindo ainda timidamente: o *michê-gay* (PERLONGHER, 1987, p. 18, grifo do autor).

Importa salientar que, apesar de existir um *continuum* entre estes tipos de prostituição, a diferenciação empreendida por Perlongher e as performances das personagens santarenianas nos possibilitarão entender as circunstâncias singulares nas quais a masculinidade é posta à venda no mercado do sexo.

Quanto à homossexualidade, outro conceito operador desse trabalho, Emerson da Cruz Inácio, esclarece que, hoje, sua aplicação e seu uso são muito mais amplos e dinâmicos, porque “tende a dar conta de uma condição humana e de uma orientação sexual, não estando inclusive arraigado a uma historicidade em que a doença e a discriminação sejam noções expressas intrinsecamente” (INÁCIO, 2002, pp. 64-65). Nesse sentido, no âmbito desse trabalho, interessamos não só discutir as questões de identidade, de gênero e de sexualidade inerentes aos sujeitos que compõem o mundo da prostituição masculina em *Vida breve*, mas também analisar os processos e as relações de poder que os empurraram para as margens da sociedade lusitana.

Metodologia

Este trabalho encontra subsídios teóricos nos Estudos Literários, nos Estudos Culturais, e nos Estudos de gênero e sexualidade. Ao mesmo tempo, vale adiantar também que se busca respeitar as singularidades das personagens, além de considerar as especificidades de tempo, espaço

² Importa informar que o texto *Vida breve em três fotografias* integra o volume *Os marginais e a Revolução*, escrito em 1979. Em nosso trabalho, utilizamos a edição de 1987.

e as articulações das experiências histórico-culturais no que tange às configurações da homossexualidade e da prostituição viril em *Vida breve em três fotografias*.

Além disso, renega-se a categoria identidade como fixa e imutável, posto que os sujeitos são marcados por diferentes forças identitárias que podem interligar-se, ou não. Logo, de acordo com Susana López Penedo (2008), optar por um marcador ou outro implica o silenciamento ou a exclusão de importantes fatores identitários. Por isso, visando a melhor problematizar a identidade como um ideal normativo, ainda que contraditório e frágil, se estabelece uma interseccionalidade entre marcadores de diferença e de estratificação da opressão (BRAH, 2006), tais como classe social, gênero e sexualidade, uma vez que pode nos ajudar a pensar os processos de subjetivação das personagens santarenianas.

Resultados e Discussões

Constituído de três quadros, denominados de 1ª, 2ª e 3ª fotografias, o texto dramático *Vida breve em três fotografias* apresenta recortes de vida de jovens pobres, Pedro e Pau-Santo, desamparados pelas instituições sociais e com poucas perspectivas de vida, além de dar atenção à personagem intitulada apenas como Senhor, cliente assíduo dos michês que atuavam no Parque Eduardo VII, em Lisboa, principal cenário em que se desenrolam as ações do texto santareniano. Como típico recurso brechtiano, cada fotografia possui não só a função de “marcar a ruptura na acção mostrada em cena”, antecipando informações relacionadas, principalmente, ao protagonista, mas também desempenham a função de tornar evidente para o público o quanto a sociedade lusitana era “contraditória, pluridimensional, e que a consciência das suas contradições internas era necessária ao processo da sua transformação” (REBELLO, 1977, pp. 117-118), após a Revolução dos cravos.

Assim, se em *Vida breve* iremos nos deparar com dois jovens que se dizem heterossexuais, mas se prostituem com clientes homossexuais, denominados pejorativamente como paineiros naquele contexto; então pode-se dizer que Bernardo Santareno trata também do surgimento dos michês, “uma espécie *sui generis* de cultores da prostituição: varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente” (PERLONGHER, 1987, p. 17). Como no dispositivo da prostituição se atualizam outras virtualidades sociais, nota-se ainda que tal prática está associada não só à marginalização e à ordem econômica, mas também à busca pelo prazer e aos riscos inerentes ao negócio.

Em virtude disso, o texto santareniano permite-nos pensar muitos aspectos inerentes aos mundos que se cruzam num duplo movimento de construção da identidade e marcação da diferença (SILVA, 2013), uma vez que a prostituição, pelo menos em *Vida breve*, implica “na abolição das barreiras de classe como uma das constantes da vida homossexual” (ERIBON, 2008, p. 15). Ademais, pode-se dizer que as relações de poder estabelecidas no Parque Eduardo VII nos permitem ver que, devido à marginalização social a que estavam condenados, era comum muitos homossexuais “manterem uma vida heterossexual conjugal oficial, enquanto participava, mais ou menos clandestinamente, dos rituais da perversão” (PERLONGHER, 1987, pp. 191-192). Entretanto, tal existência gay clandestina e seu deslocamento para espaços marginais à procura de sexo ocasional, pago e sem compromisso, podem render não apenas o prazer e o gozo, como também muitas situações de risco, de modo semelhante ao retratado por Santareno.

Nesse contexto, tanto no que se refere aos michês quanto aos clientes, é possível ver o texto santareniano como uma “rede de sinais, por cuja trama transitam os sujeitos, não enquanto identidades individualizadas, definidas, ‘conscientes’, mas como sujeitos à deriva, na multiplicidade dos fluxos desejanter, na instantaneidade e acaso dos encontros” (Ibidem, p. 151). Por outro lado, percebe-se que tanto a prostituição quanto a homossexualidade configuram-se como práticas interdidas pela sociedade lusitana, patriarcal e masculina. Não é por acaso, portanto, que se percebe a existência de uma força produtiva historicamente, que permeia inclusive a literatura, referente ao modo como os homossexuais foram (e ainda o são em muitos contextos) tratados como doentes e “anormais”, além de serem vítimas de atos de violência física e verbal, inclusive, por parte daqueles que lhes prestavam serviços sexuais.

Considerações finais

Nota-se que, em *Vida breve*, a prostituição se apresenta como uma estratégia provisória de sobrevivência para os jovens Pau-Santo e Pedro, e não como uma questão de identificação, o que, inevitavelmente, interliga a prática à criminalidade e a todos os riscos inerentes ao mundo da prostituição viril. Nesse sentido, o texto santareniano possibilita-nos ver os lugares ocupados pelos homossexuais e michês, num contexto em que a homossexualidade era criminalmente punida, além de estigmatizar os sujeitos orientados sexualmente em todos os âmbitos sociais.

Por isso, apesar de se configurarem como personagens marginalizadas socialmente, fica evidente a abjeção do sujeito homossexual e sua vulnerabilidade física e psicológica, tal qual apresentada neste e em outros textos dramáticos de Bernardo Santareno. Ao mesmo tempo, pôde-se

ver também que, além da classe social, Pedro e Pau-Santo compunham um grupo estigmatizado em virtude de praticarem uma sexualidade tida como desviante, ainda que a prostituição ganhe *status* de trabalho.

Referências

- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, v. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Prostituição – corpo como mercadoria. *Mente & Cérebro – Sexo*, v. 4 (edição especial), dez. 2008.
- ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Tradução de Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- INÁCIO, Emerson da Cruz. Homossexualidade, homoerotismo e homosociabilidade: em torno de três conceitos e um exemplo. In: SANTOS, Rick; GARCIA, Wilton (Org.). *A escrita de adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil*. São Paulo: Xamã: NCC/SUNY, 2002. p. 59-70.
- LOPONDO, LÍlian. *Bernardo Santareno: a tragédia contemporânea e a tradição aristotélica*. São Paulo: Mackenzie, 2000.
- PENEDO, Susana López. *El laberinto queer: la identidad en tiempos de neoliberalismo*. Barcelona: Egales, 2008.
- PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- REBELLO, Luiz Francisco. *Combate por um teatro de combate*. Lisboa: Seara Nova, 1977.
- _____. Posfácio. In: SANTARENO, Bernardo. *Obras Completas*. Organização, posfácio e notas introdutórias de Luiz Francisco Rebello. Lisboa: Ed. Caminho, 1987. v. 4. p. 383-396.
- SANTARENO, Bernardo. Vida breve em três fotografias. In: _____. *Obras Completas*. Organização, posfácio e notas introdutórias de Luiz Francisco Rebello. Lisboa: Ed. Caminho, 1987. v. 4. p. 205-247.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 73-102.